

Charolas

Freguesia de Santa Bárbara de Nexe

As Charolas na Freguesia de Santa Bárbara de Nexe (Faro - Algarve - Portugal) têm características próprias e são a manifestação cultural mais tradicional e genuína desta Freguesia e únicas no Algarve e em Portugal.

As Charolas e as tradições da Freguesia, a sua identidade comunitária e o reforço das dinâmicas culturais e da cooperação cultural e social são factores importantíssimos potenciadores de intervenção cívica e coesão social.

As Charolas são onde o passado, o presente e o futuro se encontram num espaço simbólico para expressar e afirmar a identidade colectiva, através da festa, do improviso, da vivacidade das músicas, da evocação da tradição, amizade, união e fraternidade.



Charola da “Sociedade Recreativa Bordeirense”, com os mestres acordeonistas João Barra Bexiga e José Ferreiro Pai (década de 1960)



Charola "Juventude União Bordeirense" (1957)



Charola "Flor de Liz" (1970)



Charola "Flor Oriental" (1981)



Grupo Charoleiro "Gorjonense" (01/01/2004)





Charolas “Juvenil Bordeirense” (06/01/2004) e “Nova Flor” (01/01/2004)



Charola “Democrata” (06/01/2004)



Charolas – Freguesia de Santa Bárbara de Nexe

Sérgio Martins

www.algarveglobal.blogspot.com

Técnico Superior de Turismo, Gestor e Investigador em projectos de cooperação internacional, Secretário da Junta de Freguesia de Santa Bárbara de Nexe

Introdução

Este estudo monográfico baseia-se numa comunicação, já actualizada, do autor no 12º Congresso do Algarve (Tavira - 28 a 30 de Outubro de 2004), numa pesquisa bibliográfica e na tradição oral da Freguesia (onde sempre residi). Este estudo monográfico não pretende ser conclusivo e apenas pretende contribuir para a divulgação, estudo e uma melhor compreensão do fenómeno das Charolas na Freguesia de Santa Bárbara de Nexe (Faro).

As Charolas são a manifestação cultural mais tradicional e genuína da Freguesia de Santa Bárbara de Nexe. Os primeiros registos mais detalhados são do início do século XX, mas a origem das Charolas remonta a séculos anteriores.

Nos primeiros dias de cada ano, grupos de homens e/ou mulheres, acompanhados de instrumentos (acordeão, castanholas, pandeiretas, ferrinhos e por vezes clarinete e saxofone), actuam em Festivais em Santa Bárbara de Nexe, Bordeira e arredores, nos cafés da zona e em casas de amigos, entoando cantigas e lançando quadras improvisadas (“vivas”), num clima de amizade e alegria.

As Charolas na Freguesia de Santa Bárbara de Nexe saúdam a chegada do ano novo, evocam a tradição e os melhores tempos do passado, são um acontecimento de marcada alegria e partilha, incluem por vezes uma componente de crítica e diferenciam-se das Charolas e Janeiras do resto do Algarve por não partilharem a simbologia predominantemente religiosa das últimas.

No século XX as Charolas foram parte integrante e fundamental dos processos de formação (ou reconstrução) das identidades sociais e colectivas, especialmente em Bordeira (um dos sítios da Freguesia), onde esta manifestação cultural assume uma importância ainda de maior relevo.

Actualmente, as Charolas são também uma atracção que cativam um número considerável de visitantes.

Raízes históricas

A presença humana na Freguesia de Santa Bárbara de Nexe remonta à transição do Paleolítico Médio para o Paleolítico Superior (há cerca de 30.000 anos) e aos povos da Pré-História, tendo posteriormente sido também residência e/ou entreposto comercial de Fenícios, Romanos e Árabes. A mais antiga referência escrita sobre esta Freguesia, o lugar de “Neixe”, parece ser de 1291 numa delimitação dos Termos (Concelhos) de Faro e Loulé. Em 1347 o lugar de “Neixe” foi a localidade escolhida por representantes de Faro e de Loulé para resolver um diferendo que os opunha. Refira-se ainda que a

construção da Igreja Matriz começou no XIV, no lugar de uma antiga ermida já existente, onde eram relatados “milagres” e que era local de romagens regionais. Santa Bárbara de Nexe passou a Freguesia no Século XVI (Bernardes, João Pedro *et al*, s.d.).

Actualmente, **as Charolas são a manifestação cultural mais tradicional e genuína da Freguesia de Santa Bárbara de Nexe**. As Charolas, que remontam a vários séculos atrás (Martins, 1995), **no século XX, foram parte integrante e fundamental dos processos de formação ou reconstrução das identidades sociais e colectivas**, especialmente em Bordeira (um dos sítios da Freguesia), onde esta manifestação cultural assume uma importância ainda mais relevante.

Segundo os Padres José Martins (1995) e J. Cunha Duarte (1997), **as Charolas têm raízes medievais** (séculos I a XV) no teatro sagrado de representações sobre temas cristãos e na tradição de cantar loas ao Deus Menino na época natalícia e de no fim da actuação “atirar chacotas”, versos mais ousados, em “honra” dos anfitriões e a pedir uma esmola. O teatro e os autos natalícios foram gradualmente incorporados de crítica, ao mesmo tempo que se desenvolveu um teatro não religioso e “janeiras gentílicas” em que se maldiziam alguns costumes ou pessoas, pelo que a Igreja e os Reis procuraram ao longo dos tempos proibir as “chacotas” e impedir a actuação dos grupos janeireiros e dos autos críticos.

Nos séculos XVIII e XIX, a representação de autos natalícios foi gradualmente substituída por representações em frente de um presépio ou do “Menino” móveis e novenas que eram cantadas e rezadas de casa em casa, mas que desenvolveram igualmente motivos não religiosos (chacotas), pelo que também foram alvo de condenação por parte das autoridades religiosas: Note-se que é referenciada a representação de autos natalícios no Largo do Rossio (na Sede de Freguesia), no início do Século XX (Duarte, 1997).

Chegamos então ao século XX em que o “canto das charolas”, o “canto tradicional”, é um louvor cantado por um grupo de pessoas ao “Deus Menino” armado numa charola (uma caixa enfeitada) móvel. A implantação da República levaria à proibição das manifestações religiosas fora das igrejas e dá-se um interregno no “canto das charolas” até à sua recuperação a partir de 1918 (Duarte, 1997).

Mas em Bordeira o processo terá sido diferente. Mesmo **antes de 1918 já haveria grupos de homens que saíam informalmente em Charola no Dia de Ano Novo**, percorrendo as casas dos amigos e da vizinhança, e cantando músicas já sem referências religiosas. Dá-se, pouco a pouco, o abandono do “cantar ao Menino”, surgindo o “canto novo”, o “estilo de Bordeira” e mais espaço para a “chacota” e a crítica...

Em 1918 formou-se, em Bordeira, a “Mocidade União”, o primeiro grupo charoleiro organizado, seguindo-se em 1919 a “União Bordeirense” (Pinto, 1987). Refira-se que as Charolas na sede da Freguesia e noutros sítios da Freguesia, influenciadas por Bordeira, emergiram organizadamente apenas após a II Guerra Mundial e durante a Guerra de Independência das ex-Colónias Portuguesas.

Os Padres José Martins (1995) e J. Cunha Duarte (1997) referem que a tradição gentílica e das chacotas foi recuperada, nas primeiras décadas do século XX, na Freguesia de Santa Bárbara de Nexe e que por isso, por não cantarem ao “Menino” e pelo facto das Charolas de Bordeira não transportarem

o “Menino”, os grupos desta Freguesia não devem ser apelidados de charoleiros porque o seu canto é essencialmente janeireiro.

Mas os grupos charoleiros da Freguesia de Santa Bárbara de Nexe, nomeadamente os mais antigos de Bordeira, assim se designam. E, por outro lado, a evolução das Charolas foi sempre acompanhada pela chacota e pela crítica.

Acontece que as Charolas de Bordeira foram fortemente influenciadas pelo republicanismo laico do princípio do século XX e desenvolveram-se à margem do modelo social, económico e ideológico dominante. As décadas de 1930 e 1940 foram de consolidação de um governo fascista em estreita aliança com a Igreja Católica, enquanto as Charolas de Bordeira assumiram-se não religiosas. Mas não é por isso que deve ser negada a sua tradição e identidade. Uma forma festiva que ocupe um lugar central na construção das identidades locais pode não corresponder ao modelo social, económico e ideológico dominante (Pereira, 2000).

Por outro lado, é particularmente marcante que, mesmo sem referências musicais religiosas, as Charolas da Freguesia de Santa Bárbara de Nexe estejam em geral impregnadas do espírito de **evocação da tradição, de amizade, de união e de fraternidade - dos mais altos valores humanos**.

As Charolas da Freguesia de Santa Bárbara de Nexe têm o direito de e devem apelar-se assim, em lugar de serem contestadas por terem evoluído na sua forma e conteúdo. As tradições e outras formas de expressão de identidade social e colectiva não são imutáveis e estanques, são dinâmicas e estão sujeitas a processos permanentes e complexos, umas vezes mais rápidos e outras mais lentos, que enquadram a reconstrução das tradições e da identidade social (Pereira, 2000).

O “estilo de Bordeira”

As Charolas, cujas origens no Algarve remontam a vários séculos atrás, atravessaram um processo de desenvolvimento singular em Bordeira na primeira metade do século XX. **A tradição não se perdeu, mas sim evoluiu face a uma forte influência republicana e uma mudança profunda nas estruturas produtivas e da subsequente nova organização social.**

Antes de 1918 já haveria grupos de homens que saíam informalmente em Charola no Dia de Ano Novo, percorrendo as casas dos amigos e da vizinhança, e cantando músicas já sem referências religiosas

Mas o movimento charoleiro organizado terá começado a despontar entre 1918 e 1920, no final da I Guerra Mundial, quando os bordeirenses se organizaram para receber e saudar com alegria os seus conterrâneos que regressavam da guerra. Em 1918 formou-se a Charola da “Mocidade União” e em 1919 a “União Bordeirense” (Pinto, 1987).

As Charolas de Bordeira, da primeira metade do século XX, foram influenciadas por um republicanismo com intensa expressão local e com ligações difíceis à Igreja Católica. **O facto de visitarem muitas casas e cafés também influenciou uma abreviação do canto** e não tinham a preocupação de cantar o “canto velho” e os versos tradicionais e religiosos imitando a liturgia, que eram longos e monótonos. Por outro lado, a introdução de instrumentos de sopro e a sua combinação com castanholas e pandeiretas,

em voga nas valsas e nos bailes domingueiros, não se conciliava com o estilo arrastado do “canto velho”. A melodia tornou-se mais ritmada e cantante, potenciando igualmente o aparecimento de letras e poemas novos que se abstraíam das referências religiosas (Duarte, 1997).

Foi uma conjugação de factores que foi também ampliada pela **mestria de poetas como António Aleixo e Clementino Baeta, e de acordeonistas bordeirenses como José Ferreiro Pai e João Bexiga**, que participando nas Charolas de Bordeira elevaram-nas aos mais altos patamares da poesia popular e da música centrada no acordeão.

As Charolas organizadas de Bordeira ganharam desde logo importância e impacto, tornando-se famoso o Dia de Ano Novo em que se **começava de casa em casa logo pelas primeiras horas desse dia e terminava-se já durante o dia num desfile** que até chegou a ter carros alegóricos.

Mas o centro da evolução das Charolas em Bordeira não é só na forma, também é no conteúdo. As Charolas de Bordeira têm uma importância simbólica específica e proeminente para a sociedade local, nas quais o imaginário colectivo revive a pujança de um momento histórico da sua localidade - as décadas de 1920 a 1940.

As Charolas de Bordeira **evocam simbolicamente um período histórico central de Bordeira: a “Idade de Ouro”, das décadas de 1920 a 1940, em que novas relações de produção, novas ideias e redes de alianças e relações familiares decorrentes da ascensão da indústria da pedra, desenvolveram um dinamismo e uma força sócio-económica** maiores que os seus vizinhos da sede da Freguesia e de Estoi, que se mantiveram essencialmente agrícolas (Pereira, 2000).

A “Idade de Ouro” de Bordeira deu uma importância maior à localidade, mas também deu uma nova referência aos locais: a mestria no trabalho da pedra e da cantaria, cuja fama chegou além fronteiras.

As Charolas de Bordeira evocam uma **referência simbólica que exalta os primeiros charoleiros** que criaram o estilo próprio de Bordeira assente na **alegria, na amizade, na fraternidade, na união** (para muitos em resistência contra o fascismo), mas também o trabalho na pedra e na pequena agricultura.

Num espírito de fraternidade e união, em tempos difíceis, os primeiros charoleiros exibiam-se de casa em casa, comendo e recolhendo géneros alimentícios nas casas mais abastadas que depois eram partilhados nas casas mais desfavorecidas.

Aliás **o estilo próprio de Bordeira é assumido com orgulho e como factor de identidade na afirmação da diferença para com os de fora**.

Essa diferença também se construiu em torno de um intenso espírito de união e de solidariedade, raro nas redondezas, que ao longo dos tempos se traduziu em cooperativas de consumo e de produção, na Sociedade Recreativa Bordeirense, na criação de um Posto Médico (Extensão de Bordeira do Centro de Saúde de Faro), assim como na emergência de uma consciência e de uma elite política e social com raízes na oposição ao regime fascista (implantado em 1928 e derrubado apenas em 1974).

As Charolas em Bordeira reflectem a recusa do sujeito passivo e o querer ser senhor do seu próprio destino, sendo as pessoas através da sua luta do dia a dia, com a sua capacidade transformadora, quem constrói a sua própria esperança (Pereira, 2000).

As Charolas

As Charolas são uma manifestação festiva que está profundamente enraizada na Freguesia de Santa Bárbara de Nexe e são uma das suas expressões identitárias mais genuínas.

Antes da formação dos primeiros grupos charoleiros organizados, a “Mocidade União” de Bordeira em 1918 e a “Flor de Liz” de Santa Bárbara de Nexe em 1962, já haveria grupos de homens que saíam informalmente em Charola no Dia de Ano Novo, percorrendo as casas dos amigos e tabernas desejando paz e saúde, transmitindo amizade e solidariedade e evocando a tradição.

Após a II Guerra Mundial, durante a Guerra de Independência das ex-Colónias Portuguesas e uma vaga de emigração nas décadas de 1960 e 1970, as Charolas ganharam um novo fôlego por exprimirem um desejo de paz e os que partiam para a tropa e os emigrantes viam de fora as Charolas como traço marcante da identidade colectiva local.

Desde 1918 em Bordeira e de 1962 na sede de Freguesia foram muitos os grupos charoleiros, uns com continuidade e outros não: “Mocidade União”, “União Bordeirense”, “Juventude”, “Carvalhos”, “Mato Grosso”, “Medronheira”, “Democrata”, “Juvenil”, “Flor de Liz”, “Flor da Mocidade”, “Flor Oriental”, “Nova Flor”, “Gorjões” e outros...

Actualmente, os grupos charoleiros são compostos geralmente por cerca de 20 elementos, com elevada participação juvenil e predominância do sexo masculino, mas com o crescimento acentuado na última década da participação feminina.

Refira-se que a Charola “Flor de Liz”, fundada em 1962, na sede da Freguesia, foi parte importante neste novo fôlego, promovendo actuações charoleiras mais atractivas ao introduzir performances mais organizadas, com os diferentes instrumentos organizados por secções e com preocupações melódicas, em lugar de actuarem todos “à mistura”.

Actualmente, a participação nas Charolas é particularmente significativa, considerando, em 2004, as 5 Charolas e 100 charoleiros em Bordeira numa localidade com cerca de 800 habitantes e as 8 Charolas e 160 charoleiros no global da Freguesia com cerca de 4.000 habitantes.

Uma Charola tipo é composta por um ou dois “começadores”, dois acordeonistas, um clarinetista ou saxofonista, ferrinhos, cerca de cinco pandeiretas e outros tantos pares castanholas, e dois porta estandartes.

O “começador”, dotado de grandes qualidades de canto e improviso, é uma espécie de maestro, apresenta-se com um apito, talvez uma reminiscência dos autos (Duarte, 1997), para orientar a Charola e o período das “vivas”, e para indicar o início e o fim das músicas.

A formação e os ensaios de uma Charola acontecem normalmente entre Novembro e Dezembro, no seguimento de um processo informal conduzido por parte de uma, duas ou três pessoas na sequência de conversas de café ou relações pessoais que responde à vontade de continuar, reconstituir ou criar grupos charoleiros, com alguma mobilidade entre eles. Apesar da proeminência de alguns elementos, **a Charola é uma estrutura bastante igualitária e participada**. A fase dos ensaios é particularmente participada e todos dão a opinião ou contribuem para as novas músicas e letras.

Os ensaios decorrem em casas de amigos, cafés, armazéns e na Junta de Freguesia e dão particular atenção à manutenção da harmonia e linha melódica entre as vozes e os instrumentos. Aliás, não se entende alguma da crítica de quem não consegue valorizar o empenho de amadores, músicos e poetas, na expressão de uma tradição, só por causa do laicismo e da procura dos novos espaços de socialização (os cafés) que substituíram as igrejas por motivos vários conhecidos.

Chega-se, entretanto, aos dias de actuação das Charolas. **Em Bordeira, o Dia de Reis (6 de Janeiro) é o grande dia das Charolas.** Nos cafés e na Sociedade (ou sítios substitutos), a adesão da comunidade local é maciça e é nesse dia que se manifesta a sua mais forte expressão de identidade. O Dia de Reis é um feriado informal local e é comum os trabalhadores e estudantes serem dispensados ou faltarem aos seus trabalhos e escolas.

Em Santa Bárbara de Nexe, o Dia de Ano Novo é o grande dia das Charolas.

O Dia de Reis em Bordeira e o Dia de Ano Novo em Santa Bárbara de Nexe, são os **dias por excelência do encontro da sociedade local.** Os que estão fora regressam nesse dia e era comum muitos dos que emigraram nas décadas de 1960, 1970 e 1980, para países como a França, a Suíça, o Canadá e os Estados Unidos da América, regressarem à sua terra natal neste período do ano.

Ao longo das últimas décadas, os cafés, a Sociedade Recreativa de Bordeira e o Largo do Rossio (onde decorre o Festival na sede de Freguesia) tornaram-se numa referência do espaço simbólico e de socialização dos locais, que foi acentuada com as Charolas, sendo actualmente menos as actuações em casas de particulares.

As **actuações das Charolas** começam com uma **Marcha de Entrada**, cantado-se geralmente versos compostos de novo todos os anos. Segue-se o **Estilo**, onde o “começador” canta de improviso e dedica versos aos presentes, à amizade, à união, à tradição e ao passado glorioso e saudoso. Segue-se a **Valsa das Vivas**, em que membros das Charolas e do público improvisam quadras (“vivas”) também dedicadas aos presentes, à união, à tradição e ao passado glorioso, dando-se por vezes também alguma crítica política e social. A actuação termina com uma **Marcha de Saída**, também composta geralmente de novo todos os anos.

O improviso, a vivacidade das músicas, o “canto novo” e o estilo de Bordeira, a ausência de temas musicais religiosos, a evocação da tradição, amizade, união e fraternidade são características das Charolas na Freguesia de Santa Bárbara de Nexe que as diferenciam das restantes Charolas.

As Charolas são uma expressão popular tradicional que se mantém como elemento estruturante fundamental do sistema de representações e de identidade colectiva na Freguesia de Santa Bárbara de Nexe. As Charolas são onde o passado, o presente e o futuro se encontram num espaço simbólico para expressar e afirmar, através da festa, a identidade colectiva (Pereira, 2000).

“União Bordeirense”

Marcha de Entrada - 2004

Bordeira o teu caminho está marcado
P’lo tempo que escreveu a tua história
O sonho desses homens do passado
Recorda essa tradição de outrora

Mas vejam como é grande este dia
E todo o sentimento que encerra
Transmite uma grande alegria
Que às vezes contagia
Quem visita a nossa terra

E deixa sempre em nós esta vaidade
Que Bordeira é na verdade
Um jardim perto da serra

Tu tens um jeito importante
E cada instante
Nos queres agradar
E olhas do alto do monte
Tão elegantes as ondas do mar
E mostras em cada momento
Um sentimento de rara beleza
Então a natureza
Quase nos deixou a certeza
Que parou para nos ouvir cantar
E agora nesta louca sinfonia
Ouve-se a alma algarvia
Que nós queremos recordar

“Flor Oriental”

“Viva” de Celso Barra – 2004

Santa Bárbara é uma terra cheia de
manhosice
e p’ra isso já não há solução
é pena que uns só pensem na regateirice
e outros já trabalhem contra a evolução

Bibliografia

Anica, Arnaldo. 1994. *Freguesias, Vilas e Cidades do Algarve (sua antiguidade e população)*. Edições Viprensa. Vila Real

Bernardes, João Pedro *et al*, s.d, Terra de Santa Bárbara, por publicar

Costa, Paula. 1996. *Turismo em Santa Bárbara de Nexe – Uma Outra Forma de Colonialismo*. Projecto de Estágio não publicado. ESGHT/UAlg. Faro

Duarte, P.^o J. Cunha. 1997. “Charolas Algarvias”. in Jerónimo, Rui e Duarte, J. Cunha (coord.s). 1997. *Algarve – Tradições Musicais – II*. Grupo Musical de Santa Maria e Casa da Cultura António Bentes. São Brás de Alportel e Faro. pp. 9-68

Martins, P.^o José. 1995. “Cantares Tradicionais do Natal”. in AAVV. 1995. *Algarve – Tradições Musicais*. Grupo Musical de Santa Maria e Casa da Cultura António Bentes. São Brás de Alportel e Faro. pp. 35-66

Pereira, António. 2000. *Bordeira: Espacio Simbólico, Expresiones Festivas y Processos de Contrucción de las Identidades*. Tese de Doutoramento não publicada. Universidade de Sevilha. Sevilha

Pinto, Maria Mendonça Pinto. 1987. *Monografia de Santa Bárbara de Nexe – Estudo Monográfico*. Edição de autor. Santa Bárbara de Nexe

